



CQC, Custe o Que Custar. Um programa jornalístico?¹

Patrícia Araceli Krieser²

Ricardo Luiz Aoki³

Carlos Golembiewski⁴

Universidade do Vale do Itajaí

Resumo

A nova sensação da televisão brasileira é o programa Custe o Que Custar. A atração conhecida como CQC, vai ao ar todas as segundas-feiras na Rede Bandeirantes. O programa caiu no gosto popular ao tentar colocar figuras do cenário político brasileiro em situações constrangedoras. O presente estudo analisou a cobertura política realizada pelo referido programa, durante as eleições para o governo municipal do Rio de Janeiro e São Paulo. A partir disso e com base nas teorias José Carlos Aronchi de Souza, Franklin Martins, Bill Kovach e Tom Rosenstiel, foi questionada a sua classificação como gênero jornalístico e ainda proposta uma nova classificação para a atração.

Palavras-chave

Gêneros; telejornalismo; entretenimento; jornalismo.

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Jornalismo, do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Acadêmica de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade do Vale do Itajaí. E-mail: patriziakrieser@hotmail.com.

³ Acadêmico de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade do Vale do Itajaí. E-mail: ricardoaoki@univali.br.

⁴ Orientador do trabalho. Docente da graduação em de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade do Vale do Itajaí. Doutor em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2007), mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2000) e jornalista pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1987). E-mail: golebiewski@univali.br.



1. Introdução

A nova sensação da televisão brasileira é o programa Custe o Que Custar. A atração conhecida como CQC, vai ao ar todas as segundas-feiras na Rede Bandeirantes. O programa caiu no gosto popular ao tentar colocar figuras do cenário político brasileiro em situações constrangedoras. Muitas vezes, conseguindo. Logicamente que a classe política do país contribui para isso. Afinal, os inúmeros escândalos do Planalto Central produzem pautas em velocidade recorde para a mídia.

A fórmula do programa – ao contrário do que muitos pensam – não é nova e tampouco foi criada pelo concorrente da Rede TV, o Pânico na TV. Deixar pessoas constrangidas em frente às câmeras foi uma idéia que Marcelo Tristão Athayde de Souza, conhecido nacionalmente como Marcelo Tas, teve quando interpretava o personagem humorístico Ernesto Varela na década de 80. Na ocasião, tornou-se ilustre por fazer ao então deputado Paulo Maluf uma pergunta que entraria para a história da comunicação brasileira: "Senhor Paulo, muitas pessoas não gostam do senhor, dizem que o senhor é corrupto. Isso é verdade, deputado?".

A pergunta, feita para um deputado federal, hoje, seria encarada com um sorriso amarelo e talvez uma resposta. Mas, os tempos eram outros e Maluf surpreso, virou as costas e deixou a sala em que estavam. O Brasil estava em processo de abertura política e Paulo Maluf era uma das lideranças proeminentes do Partido Democrático Social (PDS), antiga Aliança Renovadora Nacional (Arena). Ele seria indicado para a disputa do Colégio Eleitoral, o qual, elegeu Tancredo Neves para presidente do Brasil.

É impossível entender a nova febre da televisão sem entender como pensa o seu principal apresentador. Marcelo Tas não é jornalista de formação. Ele é formado em Engenharia Civil pela escola politécnica da USP. Apesar de ter cursado a faculdade de Rádio e TV da Escola de Comunicação e Artes da USP, em 1980, não chegou a concluir o curso.

Mesmo assim ele é considerado um ícone da moderna televisão brasileira. Participou da criação de diversos programas da TV que lhe renderam prêmios internacionais. E à frente do programa Vitrine da TV Cultura, no começo da década de 90, foi o primeiro apresentador a fazer uma transmissão ao vivo pela internet para um programa de TV e gerar desconfiança ao fazer diversas matérias falando da grande rede de computadores, em uma época que falar ao telefone celular era novidade.



A partir de 17 de março de 2008 surge a cópia brasileira do programa argentino *Caiga Quien Caiga* transmitido pela Televisión Federal S.A (Telefe), desde 1995. O programa também tem suas versões na Itália e Espanha. O CQC brasileiro é uma cópia fiel, com apresentação de Marcelo Tas, Marco Luque e Rafael Bastos e com reportagens de Rafael Cortez, Danilo Gentili, Felipe Andreoli, Oscar Filho e Warley Santana.

O programa ganhou audiência, principalmente porque é tido como inteligente. Desde sua estréia, ele não alcança mais que cinco pontos de audiência no Ibope. Perdendo no horário para a TV Globo com média de 23 pontos e para a TV Record com 14 pontos (*Fonte: Ibope*).

Mas, a questão nos move é o CQC é um programa jornalístico?

2. Qual o gênero?

A resposta não é fácil. No livro *Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira* o autor José Carlos Aronchi de Souza faz um estudo sobre as categorias dos programas na televisão brasileira.

Os programas devem:

- 1 – Entreter
- 2 – Informar

O entretenimento é necessário para toda e qualquer idéia de produção, sem exceções. Todo programa deve entreter, senão não haverá audiência. Entreter não significa somente vamos sorrir e cantar. Pode ser interessar, surpreender, divertir, chocar, estimular ou desafiar a audiência, mas despertando sua vontade de assistir. Isso é entretenimento.

Programas com o propósito de informar são necessários em qualquer produção, exceto naquela dirigida inteiramente para o entretenimento (balés, humorísticos, videoclipes, etc.). Informar significa possibilitar que a pessoa, no final da exibição, saiba um pouco mais do que sabia no começo do programa a respeito de determinado assunto. (SOUZA, 2004)

Seguindo essa concepção, Souza classifica os programas da televisão brasileira em três categorias: entretenimento, informativo e educativo. Essas categorias podem ser divididas em diversos gêneros televisivos como telejornalísticos, esportivo, novelas, humorísticos, programa de auditório, etc. Dentro dessa classificação como poderíamos classificar o CQC? Afinal, ele é um programa informativo ou de entretenimento e, respondendo essa pergunta, em qual gênero ele poderia ser enquadrado?



Dos três apresentadores, apenas Rafael Bastos é formado em Jornalismo. Marco Luque é ator e Marcelo Tas é jornalista prático. O próprio Tas, em diversos momentos, classificou o programa de humorístico.

Para tentar entender que tipo de programa é o CQC analisamos a cobertura das eleições municipais de 2008 realizada pelo programa. Duas equipes foram cobrir a votação nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo.

Danilo Gentili, Rafinha Bastos, Rafael Cortez, Felipe Andreoli e Oscar Filho utilizaram a velha tática já conhecida dos brasileiros. Os repórteres tentavam entrevistar os candidatos no momento da votação, mas também abordavam as celebridades (ver item 4). Em São Paulo, ao ex-ministro da Casa Civil, José Dirceu, perguntaram: “O Senhor foi cassado pelo mensalão, o pessoal do PT não ficou bravo com o senhor?”.

Recentemente, José Dirceu foi acusado de ter participado do esquema de caixa dois da campanha do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. História que ficou conhecida como Esquema do Mensalão. Porém, a resposta para o repórter Rafael Cortez foi no mínimo interessante: “Não estou cassado, estou com os direitos políticos suspensos e vou provar minha inocência no Supremo Tribunal Federal”.

O mesmo repórter não teve sucesso na tentativa de entrevistar a candidata do Partido dos Trabalhadores à prefeitura paulistana, Marta Suplicy, que fez questão de não falar com a equipe. Ela também se irritou, em outra ocasião, quando o mesmo repórter perguntou se ela não ficava incomodada de ter o apoio de Paulinho da Força para sua campanha e de pessoas que participaram do *Esquema do Mensalão*. A pergunta capciosa veio no momento que a petista, acusava o prefeito e candidato a reeleição, Gilberto Kassab de ter sido secretário do governo de Celso Pitta.

Outras perguntas feitas aos eleitores e celebridades tornam ainda mais complexa a tentativa de classificar o programa. Por exemplo, quando o repórter Felipe Andreoli, pergunta a um eleitor de Solange Amaral, na frente dela: “Quem está pior a Solange, o Fluminense ou o Vasco?”

Por outro lado, ao prefeito César Maia ele pergunta: “Senhor prefeito, o senhor está deixando uma dívida de oito bilhões de reais, qual a sua meta até o fim do governo? Pretende deixar uma dívida um pouco maior, para o próximo prefeito já entrar mais complicado?”

Nova pergunta a César Maia, que ganha repercussão, agora pela resposta: “Qual o número da sua sessão prefeito?”. Resposta: “Deixa eu ver, 171”.



Foram abordados muitos artistas, entre eles Caetano Veloso, Roberto Carlos, Chico Buarque e Fernanda Torres. A pergunta era sempre a mesma: “Você vota como todos os artistas?”. Referindo-se a decisão da classe de votar em Fernando Gabeira.

Com podemos classificar a todas essas perguntas? Afinal, qualquer que fosse a resposta, seria uma informação com relevância pública? Ou um mero produto do humor, para trazer constrangimento aos que a respondem ou são os sujeitos do questionamento, e conseqüentemente aumentar a audiência? Segundo a Folha de São Paulo de 27 de maio de 2008, o “Humor do CQC dobra audiência da Band”.

A diretora artística e de programação da Band, Elisabetta Zenatti, disse em entrevista à Folha Ilustrada, deste mesmo dia, que o CQC é o *programa de humor* mais irreverente da TV brasileira na atualidade. “Fazemos um humor elegante, mesmo nos momentos mais fortes. O programa tem um quê de Michael Moore e ataca claramente os políticos e presta serviço. Essa é nossa diferença. Não queremos só *zoar*.”

Mas, ainda que se considerem um programa humorístico, acodiram ao título de imprensa, ao tentar entrar na entrevista coletiva de Marta Suplicy, e não obtendo sucesso, acusaram aos organizadores de faltar com a liberdade de *imprensa*. Vencidos mas não derrotados, foram com um alto falante a janela do edifício onde era realizada a coletiva e mandaram uma mensagem a Marta, na qual ressaltaram o fato de terem sido proibidos de entrar.

Outro fator que aponta a intenção do programa em considerar-se jornalístico, é a tentativa feita em junho deste ano, de conseguir credenciais para o Congresso. A notícia veiculada no site Último Segundo, considera inclusive o programa como “jornalismo irreverente”.

Segundo a matéria do Último Segundo, no começo do ano, a equipe conseguiu fazer algumas reportagens no Congresso, entrevistando o presidente da câmara, Arlindo Chinaglia e o Senador Eduardo Suplicy, que além de expressar seu amor por Bob Dylan, revelou ter fumado maconha quando jovem. Após a exibição das matérias, tanto a Câmara quanto o Senado cassaram as credenciais, alegando que o programa era humorístico e não jornalístico.

Ainda na matéria do Último Segundo, Rafinha Bastos, um dos repórteres declara que o CQC é um programa jornalístico, mas que faz isso de forma irônica e bem humorada.



3. Suporte Teórico

Para responder a esta questão, recorreremos a três obras. Gêneros e Formatos da Televisão Brasileira, de José Carlos Aronchi de Souza (2004), Os Elementos do Jornalismo, de Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2004) e ainda Jornalismo Político de Franklin Martins (2005). Antes de tudo, vamos entender o que é gênero. Souza comparte de muitas teorias em seu livro. No entanto o conceito mais simplório talvez seja do dicionário Aurélio:

Conjunto de espécies que apresentam certo número de caracteres comuns convencionalmente estabelecidos. Qualquer agrupamento de indivíduos, objetos, fatos, idéias, com caracteres comuns. Classe ou categoria de assunto ou técnica. O que distingue as obras de uma época ou de uma escola. (AURELIO, 1991)

Partindo disto, vamos procurar que gênero possui os caracteres convencionalmente estabelecidos, que sejam comuns as características do programa em questão.

Souza especifica cada formato e gênero da televisão brasileira. Segundo ele, quase todo tipo de produção televisiva é tida como entretenimento.

Três categorias de programas de televisão são identificadas pela pesquisa da Abepec e definidas por Marques de Melo, que realizou tal pesquisa em conjunto com outros profissionais. Ela apresenta a seguinte classificação e os respectivos resultados: A televisão brasileira é quase exclusivamente um veículo de entretenimento. Para cada dez horas de programas exibidos, oito se classificam nessa categoria. Complementarmente, ela dedica uma hora a programas informativos (jornalísticos) e uma hora a programas educativos ou especiais. (SOUZA, 2004)

Existem então três categorias que abrangem a maioria dos gêneros: entretenimento, informativo e educativo. As categorias que se mesclam na classificação do CQC são a de entretenimento e informativo. E dentro delas, os gêneros específicos são o de humor e jornalístico. Vejamos então o conceito de ambos.

O gênero humorístico, de acordo com Souza tem obviamente a característica de entreter o público. Mas, também de trazer mensagens codificadas, como durante a ditadura militar, onde estas mensagens minimizavam a pressão política e econômica da época.

Alguns quadros como “O primo pobre e o primo rico”, da década de 1970, com o ator Paulo Gracindo no programa *Balança mas não cai* (Tupi), satirizavam a diferença de classes. O programa mostrava o cotidiando dos moradores de um condomínio e foi marcante pelo elenco numeroso, que propunha vários esquetes.

Durante a abertura política após a ditadura militar, os quadros de humor foram invadidos por outros temas: o da corrupção, da carestia e do próprio militarismo. Ridicularizavam situações e figuras políticas. Serviram, novamente, para tratar temas nacionais de maneira despreocupada, para uns, e alienante, para outros. (SOUZA, 2004)

Observemos que esta é a mesma época em que Marcelo Tas ficou conhecido por sua famosa pergunta a Paulo Maluf. Poderíamos dizer então, que um dos detalhes do novo humor, se assim considerarmos, ao que ele (Tas) se propõe é utilizar a própria figura em questão como ator do seu próprio personagem (real) da sátira.

Segundo Souza ainda, este gênero está bastante desgastado por muitos motivos, mas principalmente pela falta de humoristas. Também a falta de redatores leva o gênero a repetições contínuas de velhas fórmulas, com formatos que atravessaram o século XX, completa. Considerando isto, entende-se porque a fórmula do CQC dá certo. Sendo um novo humor, que deixa de lado redatores, atores e humoristas, e é pautado pelo dia-dia.

Quanto ao formato do gênero, o autor cita os de auditórios, documentário e entrevistas.

Vamos para o segundo gênero em questão. Souza não utiliza o termo jornalístico, mas sim de Telejornal. Ele explica que isso deve-se ao fato de que nas redes educativas este termo é inaplicável. Por isso, em seu estudo o gênero telejornal refere-se ao programa que apresenta as características próprias e evidentes, com apresentador em estúdio, chamando matérias e reportagens sobre os fatos mais recentes.

Ainda que este não seja o formato do CQC, o utilizamos como base para verificar se há ou não características jornalísticas em maior número que as de humor. Pois, como o próprio Souza fala, os departamentos de jornalismo das redes de televisão mantêm uma estrutura independente e com tecnologia para a produção de programas estritamente voltados para a categoria de informação. As emissoras classificam de telejornalismo os noticiários, informativos segmentados ou não, em diversos formatos.

Os conceitos que ele utiliza de comunicação e informação são:

Entendemos que há uma distinção básica entre comunicação e informação. No primeiro caso, trata-se de um fenômeno bidirecional, essencialmente dialógico, para usar a caracterização de Paulo Freire. No segundo caso, trata-se de um



fenômeno que Malezke tipifica como unilateral, indireto e público, o que se aplica bem aos processos de reprodução simbólica. (SOUZA, 2004)

Souza ressalta que os programas do gênero de telejornalismo apresentam múltiplas funções em face do desenvolvimento e aprimoramento do jornalismo no mundo. Continua, dizendo que, a multiplicidade dos gêneros jornalísticos na cultura brasileira estimula a experimentação dos formatos e das comparações com outras categorias de televisão.

O formato mais conhecido é também o pioneiro, o noticiário. No qual, um ou mais apresentadores lêem as notas e manchetes, e se ao vivo fazem entrevistas e aberturas a todas as partes do mundo. Mas conforme cita Souza, o telejornalismo buscou outros formatos, são eles os de entrevistas, documentários e reportagens especiais. Dentro dos telejornais, aparecem as notas, reportagens, entrevistas, indicadores econômicos, editoriais, comentários e crônicas. “A pitada de humor fica com as charges animadas de cunho político”.

Nesta última citação, alcançamos um ponto interessante que é necessário relacionar ao CQC, mesmo quando tende ao humor, o telejornal recorre a uma ilustração, a uma reprodução, e não ao uso do próprio alvo como autor da sátira.

Vejamos agora, o que Franklin Martins diz a respeito do Jornalismo Político, já que o alvo preferido dos repórteres do CQC são eles, os parlamentares.

Já iniciando a discussão ele afirma que o jornalismo político no Brasil passou por grandes mudanças nas últimas décadas. A mais importante delas é que, hoje em dia, a maior preocupação da cobertura é informar o leitor, e não convencê-lo a adotar determinadas idéias.

Continua, dizendo que atualmente a grande imprensa, de modo geral, tem a preocupação de separar nitidamente a informação da opinião na cobertura política. Em outra parte do livro ele diz:

[...] não basta apenas dar a notícia, ou seja, transmitir a informação factual mais recente. É necessário qualificá-la, relacioná-la com outros fatos, explicar suas causas e avaliar suas possíveis consequências. Em suma, é preciso entregar aos leitores não apenas a notícia, mas também o que está por trás ou em volta da notícia. Dito de outra forma, é preciso explicar, analisar, interpretar o que aconteceu. (MARTINS, 2005)

Em seguida, Martins ressalta que interpretação e opinião não são a mesma coisa:

São semelhantes porque em ambas buscam ir além do fato em si e dar uma explicação a ele. Mas, são também muito diferentes. A opinião no fundo, apenas se alimenta do fato para reafirmar um ponto de vista prévio. Já a interpretação é uma primeira leitura do acontecimento, é uma tentativa de juntar e relacionar seus vários fragmentos no momento em que ele está ocorrendo. A primeira, fecha o foco em cima de uma explicação e quer passar certezas. A segunda, ao contrário, busca abrir o leque de possibilidades e sugerir linhas de raciocínio. Uma é taxativa, tem respostas definitivas; a outra é indagativa, no máximo tem idéias preliminares. (MARTINS, 2005)

E no que diz respeito a televisão, ele diz que o caminho a seguir é o mesmo:

A própria televisão já não se limita mais a dar secamente a notícia. De modo crescente, os telejornais vêm abrindo espaço para a interpretação da notícia, transformando apresentadores em âncoras e lançando mão de comentaristas que buscam trocar em miúdos os principais acontecimentos de suas áreas. (MARTINS, 2005)

Sendo assim, por que considerar jornalismo um programa que com suas perguntas capciosas apenas faz colocar dúvidas ou opiniões pré-formadas na cabeça de seus telespectadores? Qual seria relevância de perguntar a Marta Suplicy, candidata a prefeitura de São Paulo, se ela sairia de bicicleta a pedir votos? E a Eduardo Paes se o candidato e agora prefeito eleito da cidade de São Paulo, se queria pedir desculpas a Lula por tê-lo acusado durante o processo Mensalão?

Perguntas soltas, que em um ambiente inapropriado não são respondidas nem surtem efeito informativo algum, apenas humorístico. Não há quem fique de cara fechada, com tanto absurdo e cara de pau.

Outra parte do livro de Martins, que trata da lealdade do jornalista com a sua profissão, fala:

Nós, jornalistas, respondemos simultaneamente a numerosas lealdades no exercício de nossa profissão: às fontes, aos colegas, à categoria, aos chefes, à empresa que trabalhamos, à nossa carreira, à sociedade etc. Todas elas são importantes:

[...]

Lealdade à Sociedade – devemos lealdade à sociedade, que espera receber dos jornalistas informação fidedigna, correta e isenta. (MARTINS, 2005)

Estão presentes estas características no programa de Marcelo Tas? Toda informação que circula é correta, fidedigna e principalmente isenta? Circula informação ou apenas suposições e indagações sem respostas?

Como já dito anteriormente, o repórter Rafinha Bastos afirmou que o programa era sim jornalístico, mas que faziam isso de forma irônica e bem-humorada. Será que a sociedade quer ver assuntos tão sérios desta forma?

Por último, recorremos a alguns elementos do jornalismo, do livro de Bill Kovach e Tom Rosentiel, que trata de algumas questões relevantes para nossa pesquisa.

A primeira e talvez mais importante das perguntas feitas pelos autores em todo o livro é: Para que serve o jornalismo? Um resumo do muito que foi dito fica claro na seguinte citação “A principal finalidade do jornalismo é fornecer aos cidadãos as informações de que necessitam para serem livres e se autogovernar.”

Por último, Kovach e Rosentiel, falam da responsabilidade dos jornalistas de serem conscientes. O que propõe uma reflexão quanto ao objetivo do programa, e a verificação do enquadramento ou não na categoria.

Como não existem no jornalismo leis, regulamentos, nem licenças e muito menos um autopoliciamento não formal, e já que o jornalismo por sua natureza pode cair no aspecto escandaloso, pesada é a carga em cima da ética e do julgamento do jornalista e da organização onde ele ou ela trabalham. Esse seria um desafio difícil em qualquer profissão. Mas no jornalismo existe ainda outro obstáculo: a tensão entre o papel de serviço público do jornalista – aspecto que justifica seu espírito invasivo – e a função comercial que financia trabalho. (KOVACH, ROSENSTIEL, 2004)

Fica claro que não há uma consciência jornalística na formulação do programa, pois não há um serviço público justificando o espírito invasivo do CQC. Neste caso, esta característica trabalha para a função comercial, a audiência.

4. Método

Nesta parte do artigo, apresentamos os vídeos especificamente analisados ao longo da pesquisa. Para facilitar, organizamos um quadro onde estão os dados e o respectivo link para visualização na web de cada um deles.

Nos concentramos apenas nos vídeos relacionados as eleições municipais 2008, na capital paulista e carioca. Visto que, com poucas ressalvas o alvo preferido dos repórteres do CQC são os políticos.

Durante a pesquisa, foram observadas as perguntas e respostas (quase sempre ausentes) dos entrevistados, e que com base na relevância das mesmas foram apontadas ao longo de todo o texto.



Depois dessa fase de análise, buscamos nas teorias o conceito de cada um dos gêneros em questão, bem como detalhes específicos da carreira jornalística que pudessem exemplificar o que vínhamos constantando: ausência de traços jornalísticos no programa.

Título	CQC vai às urnas em São Paulo (2º turno)
Assunto	Eleições Municipais 2008, em São Paulo
Formato	Reportagem
Repórteres	Rafael Cortez, Danilo Gentili, Marco Luque, Rafinha Bastos;
Link	http://maisband.band.com.br/cqc/?id=8deb598e74954e0130c56ba58f2c7e8e

Título	Em tarde de sol, CQC leva “bordoadas”
Assunto	Eleições Municipais 2008, no Rio de Janeiro (2º turno)
Formato	Reportagem
Repórteres	Felipe Andreoli e Oscar filho
Link	http://maisband.band.com.br/cqc/?id=bb5bf6dc508183cda181acc8223d5b98

Título	CQC é barrado na coletiva de Marta Suplicy
Assunto	Eleições Municipais 2008, em São Paulo
Formato	Reportagem
Repórteres	Danilo Gentili, Rafinha Bastos, Rafael Cortez
Link	http://maisband.band.com.br/cqc/?id=257c7f86b1ea21e50d2788891e131086

Título	CQC nas eleições, na cola de Lula, Serra, José Dirceu...
Assunto	Eleições municipais em São Paulo (1º turno)
Formato	Reportagem
Repórteres	Rafael Cortez, Danilo Gentili, Oscar Filho
Link	http://maisband.band.com.br/cqc/?id=4d7dc65987b774855b13df162ed9af31

Título	CQC fica na cola dos candidatos paulistanos
Assunto	Eleições municipais em São Paulo (1º turno)
Formato	Reportagem
Repórteres	Rafael Cortez, Danilo Gentili, Oscar Filho, Marco Luque



Link	http://maisband.band.com.br/cqc/?id=52599920d7441ddf2e0a85d1da4e738b
------	---

Título	Mesmo debaixo de Chuva artistas votam no RJ
Assunto	Eleições municipais no Rio de Janeiro (1º turno)
Formato	Reportagem
Repórteres	Rafael Cortez, Danilo Gentili, Oscar Filho, Marco Luque
Link	http://maisband.band.com.br/cqc/?id=ded04d9a6a7c9168d56fe4cfa11ab7ba

Título	CQC colhe a repercussão do resultado das eleições
Assunto	Eleições municipais no Rio de Janeiro (1º turno)
Formato	Reportagem
Repórteres	Oscar Filho e Felipe Andreoli
Link	http://maisband.band.com.br/cqc/?id=ac4b601d2c9fba3934abb4f7cd9f6bde

5. Considerações finais

Considerando as teorias de Souza, Martins, Kovach e Rosenstiel, o que concluímos é que o programa apesar de utilizar formatos comuns ao jornalismo, como reportagens, documentários e entrevistas, possui um gênero muito bem definido: o humor.

O uso destes formatos não o torna jornalístico, pois como bem fala Souza, os programas humorísticos podem apresentar-se em diversos formatos, sendo alguns deles os de auditório, documentário e entrevistas.

Isso no entanto, não fica claro no dia-dia aos olhos de qualquer telespectador, afinal, se causa confusão na coletiva de imprensa da Marta Suplicy, sobre a entrega ou não de credenciais, se coloca em situação complicada o Congresso com a negação das mesmas, imagine o que faz com telespectadores comuns, distantes dos estudos de comunicação.

Sem dúvida, o programa causa gargalhadas, sem dúvida muitas das pessoas que o assistem se sentem vingadas daqueles que lhes prometeram tanto antes das eleições e que depois não fizeram nada. Mas, será que é essa a melhor solução? Não estaria essa prática, fazendo com que os políticos que tanto gostam de aparecer em frente as câmeras, criassem uma aversão a ela?

Alguns repórteres já tem se mostrado desconfortáveis com a situação, pelo motivo questionado no parágrafo anterior, e também pelo tempo gasto com perguntas que não recebem respostas, ou que às vezes nem tem o que ser respondidas, mas que deixam impacientes aos políticos, que acabam saindo sem responder a nenhum outro repórter.

Ou ainda, quando observamos as gravações vemos que muitas vezes os repórteres do CQC impertinentes, não dão espaços para que os outros jornalistas se manifestem. As reclamações foram publicadas no site o Último Segundo, em junho deste ano, quando ainda se falava da entrega ou não das credenciais do Congresso ou não ao programa.

O programa não conta com o que se considera informação, e isso é uma característica dos programas humorísticos, conforme Souza, os programas com o propósito de informar são necessários em qualquer produção, exceto naquela dirigida inteiramente para o entretenimento (balés, *humorísticos*, videoclipes, etc.).

E se segundo ele também, informar significa possibilitar que a pessoa, no final da exibição, saiba um pouco mais do que sabia no começo do programa a respeito de determinado assunto. Basta se perguntar, após ver todos estes vídeos o que é que você acrescentou de saber a sua vida? Nada, além de algumas piadinhas pra contar em qualquer roda de amigos e algumas delas só terão sentido se todos estiverem muito bem contextualizados.

Conforme já dito, o gênero humorístico, de acordo com Souza tem obviamente a característica de entreter o público. Mas, também de trazer mensagens codificadas, e é aí que entram as perguntas que não possibilitam resposta ou que embaraçam ao entrevistado. Por exemplo, que mensagem tirar da pergunta feita a Eduardo Paes: Candidato você quer pedir desculpas ao Lula por tê-lo acusado na época do mensalão? São várias, mas a mais óbvia seria a de que o candidato que talvez fosse o seu, conta agora com o apoio de quem ele antes acusava. Mas, você fica ainda com duas possibilidades, a de que ele fique do lado de quem o apoie, ou a de que realmente ele tenha mudado de opinião com relação a essa questão.

Para ser jornalismo, conforme Kovach e Rosenstiel, não basta apenas noticiar, ou seja, transmitir a informação factual mais recente. É necessário qualificá-la, relacioná-la com outros fatos, e é isso que falta ao programa para que seja jornalístico. Dar condições aos entrevistados para que respondam, e contextualizar as perguntas aos telespectadores.



Finalizando com Souza, a própria televisão já não se limita mais a dar secamente a notícia o papel de serviço público do jornalista – aspecto que justifica seu espírito invasivo – e a função comercial que financia o seu trabalho. Ou seja, o jornalismo pra justificar sua característica invasiva precisa ter uma causa de interesse público. Perguntas como “Roberto Carlos, em quem você vai votar?”, não acrescentam, não modificam, não alteram o curso de vida da população.

E finalmente, o humor no jornalismo aparece de forma discreta, conforme exemplifica Souza, “A pitada de humor fica com as charges animadas de cunho político.” Ou ainda, na opinião declarada de comentaristas, marca registrada de Arnaldo Jabor, por exemplo.

Referências Bibliográficas

SOUZA, José Carlos Aronchi de. *Gêneros e Formatos da Televisão Brasileira*. São Paulo, SP: Summus, 2004.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os Elementos do Jornalismo**: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. 2. ed. São Paulo, SP: Geração Editorial, 2004.

MARTINS, Franklin. **Jornalismo Político**. São Paulo, SP: Contexto, 2005.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Humor do "CQC" dobra audiência da Band**. São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u405829.shtml>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

WIKIPEDIA. **Custe o Que Custar**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/CQC_-_Custe_o_Que_Custar>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

ÚLTIMO SEGUNDO. **Em busca de credenciais para o Congresso, CQC grava em Brasília**. São Paulo, 2006. Disponível em:

<http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/2008/06/19/em_busca_de_credenciais_para_o_congresso_cqc_grava_em_brasilia_1373584.html>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.